

# BAKHTIN E A CULTURA CONTEMPORÂNEA: SINALIZAÇÕES PARA A PESQUISA EM LINGÜÍSTICA APLICADA

Maria Bernadete Fernandes de Oliveira\*

**RESUMO:** *Discutimos a contribuição de Bakhtin para a pesquisa lingüística, enfatizando sua concepção de ciências humanas, por oposição às ciências da natureza, e sua proposta para o objeto de estudo das ciências humanas, qual seja o texto, em sua modalidade oral ou escrita, manifestado em enunciados únicos e irreproduzíveis, cuja abordagem deve passar pela compreensão e interpretação dos eventos que se realizam nas práticas discursivas diversas.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Ciências humanas; metodologia; dialogia; interpretação; compreensão.*

## 1. Introdução

**O**s estudos sistemáticos sobre a linguagem, ancorados em propostas formuladas por M. Bakhtin, sejam estes de natureza ensaísticos ou de base empírica, começam a apresentar-se, em nossa realidade acadêmica, como um embrião bastante produtivo e capaz de constituir uma massa crítica de interlocutores sobre o pensamento deste autor e daqueles que compõem o seu círculo.

---

\* Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN.

Ousando considerar-me uma participante deste cenário, neste artigo objetivo apresentar minha leitura de escritos de M. Bakhtin, particularmente os textos que dizem respeito à sua compreensão do que seria uma metodologia para as ciências humanas, mais especificamente, para os estudos lingüísticos.

A inspiração partiu de fontes diversas. Uma delas, pode ser vislumbrada na sugestão de Faraco de que é preciso “[...] sacudir a quietude com que aceitamos o domínio hegemônico da língua como objeto autônomo e do falante como um ente não problemático[...].” (Faraco, 2001: 6). Outra, apontada por Ponzio, Calefato e Petrilli (1994), que pensam ser necessária ao conhecimento do pensamento de Bakhtin a compreensão de sua forma de operar, uma forma radicalmente distinta dos paradigmas hegemônicos que circulam no espaço das ciências humanas, o que em outras palavras implica em perceber o dialogismo bakhtiniano como um olhar compreensivo e abrangente do ser humano e de seu fazer cultural. E, uma última, considerar com Raymond Williams (apud Faraco, 1996), que a vanguarda de Bakhtin está em olhar a linguagem como atividade, como consciência prática, plenamente dimensionada no social, procurando, como diz Faraco (1998), superar uma concepção, que entendida como sistema, dispensa o sujeito, formulada como monumento, esmaga este sujeito.

O caminho a seguir será pois o de apresentar, primeiramente, uma contextualização de M. Bakhtin no cenário da história das idéias lingüísticas do século passado, em seguida, discutir, à luz do conceito de cultura contemporânea formulado por Prigogine, Morin e outros, alguns elementos para uma metodologia das ciências humanas, e por último, tentar resgatar, a partir de textos produzidos por Bakhtin, sua inserção neste campo de discussão.

## 2. Bakhtin, suas idéias e sua época

Ao considerar a história das idéias lingüísticas e suas influências nos estudos que se desenvolvem na contemporaneidade, considero imprescindível acrescentar a esta reflexão a contribuição de M. Bakhtin. Diferentemente de alguns, entendo que a produção deste autor e daqueles que compõem o chamado "círculo de Bakhtin" (Faraco, 1988), não se reduzem apenas a uma formulação de princípios, e sim que nela há pressupostos teórico-metodológicos, que, em seu conjunto, se aliam, ou mesmo se antecipam discussões recentes travadas nos marcos da cultura contemporânea (Schnittman, 1996).

Mikaíl Bakhtin deu nome e foi a figura mais importante, tornando-se também a mais conhecida, do que se convencionou chamar "o círculo de Bakhtin", um agrupamento de intelectuais que no início do século XX reunia-se na URSS, tendo como preocupação central de suas discussões e produção acadêmica o questionamento sobre o mundo da cultura e os processos de significação. Eram discussões de natureza filosófica e faziam parte do círculo pintores, músicos, físicos, filósofos, escritores (Faraco, 1988). Bakhtin, durante o período stalinista, havia sido condenado ao exílio interno na URSS, ficando proibido de circular pelas grandes cidades e de ter suas obras publicadas. Disto decorre sua entrada tardia no circuito intelectual do mundo ocidental.

Antes, contudo, de começarmos a discutir a temática específica deste artigo, qual seja a contribuição de M. Bakhtin para a história dos estudos lingüísticos, entendemos ser necessários alguns esclarecimentos. Primeiramente, apesar de não desconhecermos o questionamento sobre a autoria de diversos textos, se de Voloshinov, de Bakhtin ou de Medvedev, não vamos entrar nesta questão. Para tal informação, recomendamos a consulta a Faraco (1988), e Clark e Holquist (1984). Em segundo lugar, não vamos também assumir a polêmica sobre qual dos participantes do círcu-

lo fora mais ou menos marxista, ainda mais porque, a nosso ver, esta discussão carece de estudos mais aprofundados sobre o pensamento marxista, em suas várias vertentes e desdobramentos após Marx.

Independentemente desta polêmica e de outras pode-se afirmar que os estudos produzidos pelos autores deste círculo não estão inseridos nos marcos de uma visão de mundo idealista, nem em uma concepção positivista da produção do conhecimento. Dir-se-ia ainda que suas concepções aproximam-se bastante daquelas desenvolvidas por autores rotulados de marxistas ou neo-marxistas, como por exemplo as visões das relações entre mundo do trabalho e a superestrutura – universo do simbólico e das instituições – elaboradas por Gramsci (1979), com teóricos da cultura como Raymond Williams (1979), com alguns estudiosos contemporâneos da ideologia, como Terry Eagleton (1997) e John Thompson (1990), e ainda com Agnes Heller (1989) e Peter McLaren (2000) nos estudos sobre subjetividade e individualidade.

No caso dos estudos literários e artísticos, por exemplo, o círculo de Bakhtin contrapõe-se a uma visão de que a obra artística deveria assumir apenas a consciência proletária, pilar do famoso realismo-socialista, visão esta criticada também por Goldman (1979), da mesma forma que se opunha à redução da língua a um mero instrumento de comunicação, como queria Stalin, sem nenhuma relação com os conflitos sociais, com a sociedade e as situações nas quais emerge, como esclarecem os estudos de Calvet (1977) e aqueles de Marcellesi e Gardin (1975). Aproxima-se ainda ao pensamento vygotskiano sobre a emergência do signo verbal em situações de interações, e do papel do signo e sua importância na construção do conhecimento, em uma visão diametralmente oposta às formulações de cunho behaviorista da psicologia soviética (Vygotsky, 1979).

Além disso, seria preciso ainda acentuar a peculiaridade do caminho traçado pelos autores do círculo, mais especificamente

por Bakhtin, para chegar a propor uma concepção de linguagem, mais conhecida no âmbito dos estudos lingüísticos como a concepção dialógica da linguagem. Isto porque, a meu ver, diferentemente de outros modelos lingüísticos, cuja gênese se configura, sempre, a partir do próprio campo dos estudos lingüísticos, este não teria sido o ponto de partida do círculo de Bakhtin. A gênese da preocupação com a linguagem, a necessidade de estudá-la, e a crítica aos modelos lingüísticos (Bakhtin, 1979), no círculo de Bakhtin, é uma conseqüência da necessidade de compreender o que seja o mundo da cultura, no qual são construídos e sedimentados os valores circulantes em uma dada sociedade, o espaço chamado convencionalmente de superestrutura. Pois para Bakhtin (1979), os verdadeiros cimentos de uma teoria da ideologia – a base para o estudo do conhecimento científico, da literatura, da religião, da ética, enfim, todo fenômeno instaurado e produzido no universo dos bens simbólicos – estão estreitamente relacionados aos problemas da filosofia da linguagem.

É sua compreensão da ideologia como portadora de uma materialidade semiótica que vai fazê-lo discordar de uma concepção que entende a ideologia como um espírito sem corpo, um fenômeno apenas da consciência, e como sendo determinada mecanicamente pela infra-estrutura da sociedade. Com este pressuposto, polemiza tanto com o imanentismo como com o “realismo-socialista”, praticado na época stalinista, os quais reduziam o universo do simbólico, seja às leis do espírito, no primeiro caso, ou concebendo-o em uma relação de dependência mecânica da infra-estrutura econômica da sociedade, na segunda opção. Diríamos que sua compreensão de ideologia pode ser depreendida com mais clareza quando, ao tratar do signo verbal, afirma que a “ubiquidade” é uma de suas características mais importantes, pois ela é o vínculo, o que permite dizer que o signo está presente em todos os atos e em cada um dos contatos entre as pessoas, como por exemplo, na colaboração no trabalho, nas discussões das idéias, nos contatos casuais da



vida cotidiana. É ela pois que nos autoriza a afirmar que “dizer é dizer valores que dialogam” (Bakhtin, 1979), e a compreender sua conceituação de ideologia como um fenômeno discursivo, semiótico, objetivo, atribuindo-lhe uma materialidade (o signo tem sua face material), passando a funcionar como um jogo de forças, e não apenas como um epifenômeno, uma visão de mundo ou ainda um sistema de crenças. Esta concepção de ideologia, ou seja, como um fenômeno semiótico, ancorado em práticas sociais e culturais, produz efeitos reais, concretos na sociedade, ao mesmo tempo em que preserva a idéia de que a ideologia está intrinsecamente relacionada aos processos de significação e às relações de poder (Thompson, 1990).

Em síntese, o que queremos ressaltar é que, diferentemente de outros modelos, a preocupação com os estudos da linguagem pelos integrantes do círculo de Bakhtin não se restringe apenas ao campo dos estudos da língua e de sua organização, estrutural ou textual. Explicitando. Se pensarmos nas raízes do estruturalismo clássico, a partir de seu representante máximo, Ferdinand de Saussure, percebemos que este modelo surge, de um lado, a partir de críticas aos estudos lingüísticos de base evolutiva, e de outro da necessidade de atribuir à Lingüística um estatuto científico. Outros modelos da Lingüística Contemporânea, como por exemplo a Lingüística Textual, em sua vertente germânica (van Dijk, 1977), desenvolveram-se a partir de críticas às insuficiências da estrutura profunda conforme propostas por Chomsky (1966, 1975) para gerar textos bem formados. O próprio Chomsky, apesar de mergulhar na filosofia em busca de suportes para sua formulação sobre o inatismo, desenvolve sua teoria da sintaxe a partir de críticas ao estruturalismo americano e aos seus fundamentos behavioristas. Com isso, queremos dizer que o desenvolvimento da maioria dos modelos lingüísticos gerou-se a partir de questionamentos no âmbito dos próprios estudos lingüísticos, e talvez por este motivo, a insistência de Bakhtin em afirmar que sua proposta de estudo da

linguagem estaria inserida em uma disciplina denominada Meta-lingüística, exatamente para diferenciar dos estudos lingüísticos até então praticados.

Foi, portanto, a necessidade de compreender o que se passa no mundo da cultura, no universo do simbólico e seus processos de significação, que levou este grupo de intelectuais, sobretudo Bakhtin, Voloshinov e Medved, a fazer incursões teóricas orientadas para o estudo da especificidade dos sistemas semióticos, e em especial do signo verbal. Eles postulavam que, ao lado dos bens materiais, os homens, ao realizar trabalho (no sentido marxista do termo, trabalho como realização de atividade), produzem também outro tipo de bens, os bens simbólicos, construindo portanto um universo dos signos, ao lado do universo material. É este universo dos signos que buscam compreender e sobre o qual fazem uma série de considerações e pressupostos, formulam conceitos, alguns de forma inacabada, deixando enfim uma porta aberta para o estudo do discurso e com indicações para o caminho a ser percorrido.

Sua proposta é pois a de superar uma concepção de linguagem, indo além do estudo das relações que se estabelecem entre signos dentro dos limites de uma língua ou de um texto, e é com esta intenção que Bakhtin (1979) vai questionar ao objetivismo abstrato a postulação de que o centro organizador dos fatos da língua seria o "sistema lingüístico, de caráter normativo, independente da criação individual". Pressupostos que, ancorados, no racionalismo dos séculos XVII e XVIII, se baseiam no culto às formas universais, fixas, racionais e imutáveis, principalmente, nas idéias de Leibniz, que, ao pensar a língua como convencional, arbitrária, priorizava o estudo da relação entre signos, e não destes com a realidade, ou seja, com o mundo exterior. O que, em outras palavras, justifica o interesse centrado na lógica interna do próprio sistema de signos, uma vez que é o signo matemático o exemplo de signo por excelência, modelo semiótico a ser buscado pela língua. Ao mesmo tempo que critica o subjetivismo abstrato, questiona a

noção de que as leis da criação lingüística obedecem às leis da psicologia individual, noção esta pautada em uma apropriação da idéia da língua como uma atividade criadora, presente no pensamento humboldtiano.

É a partir de sua contraposição a estas duas correntes do pensamento lingüístico que este pensador enuncia sua síntese em favor de que a realidade do fenômeno lingüístico deva ser buscada no enunciado e em sua natureza social (Bakhtin, 1979).

### **3. Um método para as ciências humanas**

O modelo de racionalidade subjacente ao paradigma da ciência moderna foi construído contra o senso comum. Referida por Santos (1989) como a primeira ruptura epistemológica da ciência moderna, esta separação entre o conhecimento científico, única forma válida de conhecimento, e o senso comum tornou a especialização e a profissionalização do conhecimento uma das principais características deste paradigma, criando uma simbiose entre poder e conhecimento, na qual o sujeito comum, expropriado das competências cognitivas e do poder a elas associado, não encontra seu lugar.

Ao tratar desta temática, Morin (1986) apresenta uma definição de paradigma como princípio de distinções, ligações, oposições fundamentais entre algumas noções mestras que comandam e controlam o pensamento, isto é, a constituição das teorias e a produção dos discursos. Segundo ele, o grande paradigma de "disjunção" opondo ciência e filosofia, materialismo e idealismo, fato e valor, que tem sido hegemônico, desde o século XVIII, provocou nas ciências humanas a redução do complexo ao simples, do global ao elementar, da organização à ordem, da qualidade à quantidade, do multidimensional ao formal, do destacar fenômenos em objetos isola-



dos de seu contexto e separados do sujeito que os percebe/concebe. De forma que o conhecimento fragmentado, produzido pela ciência, impede cada vez mais os processos de reflexão e discussão pelos espíritos humanos.

Contudo, diz aquele autor, a ciência avança. E se a própria ciência física reintroduz o observador na observação, e considera que a organização não é redutível à ordem, começando a trabalhar com os acasos e incertezas, e a reconhecer a relação sujeito/objeto, a ciência da sociedade humana, por sua vez, precisa de uma complexidade ainda maior. Saber pensar, diz este autor, pressupõe não fechar nosso sistema teórico, manter o intercâmbio, o diálogo com outras teorias, outros pensamentos, evitar que as teorias se tornem doutrinas, e que a doutrina se congele em dogma.

Colaborando com este ponto de vista, Schnittman (1996) afirma que no contexto da cultura contemporânea existe uma consciência crescente do papel construtivo da desordem, da auto-organização, da não-linearidade, e que o sujeito, o tempo, e a historicidade têm uma participação substantiva, aspectos estes que, anteriormente, eram considerados apenas como pertencentes à arte, à filosofia e à literatura.

Na ciência clássica, a "ordem" era palavra de ordem. Aquilo que podia ser classificado, analisado, enquanto a desordem estava associada ao caos. Hoje, caos, desordem, crise são conceitualizadas muito mais como informação complexa do que como "ausência de ordem". Desta forma, a teoria do caos vê o mundo como rico em evoluções imprevisíveis, cheio de formas complexas e fluxos turbulentos, caracterizado por relações não-lineares de causa e efeito (Prigogine, 1996). O sujeito, excluído ou apagado, naquela primeira concepção, recupera-se, nos tempos atuais, em várias formulações (Foucault, 1969; Althusser, 1978), dentre as quais destacamos a proposta de Morin que entende o ressurgimento do sujeito em uma perspectiva processual, numa bio-lógica psicossocial (Morin, 1996).

Laville e Dionne (1999) apontam para uma especificidade das ciências humanas, e que o paradigma hegemônico também não teria dado conta, qual seja o fato de que a idéia de “compreender” estaria no centro das ciências humanas. Trata-se, dizem estes autores, de compreender problemas que surgem no campo do social, a fim de eventualmente contribuir para sua solução, como forma de preenchimento de vazios no campo do conhecimento, seja por meio da pesquisa básica, ou de intervenções e resolução de problemas, como faz a pesquisa aplicada.

Neste sentido, o esquema advindo da pesquisa experimental, dominante nas ciências da natureza e exatas, torna-se insuficiente para dar respostas a um fenômeno, como o humano, que repousa em multicausalidades. Um saber, dizem eles, que repousa na interpretação não necessita de um procedimento experimental e quantificador, ainda que isto não signifique sua negação.

Concordando com estas posições, Jobim e Souza (1994) sugere que as ciências humanas deveriam pautar-se por um enfoque metodológico, cujo direcionamento apontasse para o resgate do caráter de sujeito social, histórico e cultural do ser humano. Desta forma, propõe esta autora que o objeto das ciências humanas seja o homem produtor de textos, pois aí reside sua especificidade, estar sempre se expressando, sempre criando textos. À semelhança de Schnittman e daqueles que se inserem na discussão da cultura contemporânea, coloca, também, a necessidade de constituir uma teoria das ciências humanas, para além do conhecimento objetivo, pensando o homem como um conjunto, no qual se incluiriam a filosofia, a arte, a literatura.

Esta a concepção, que vem sendo objeto de debate e de ampliação, e que pressupõe, entre seus parâmetros, uma visão da ciência como descontínua, não-linear, que necessita do diálogo como dimensão operativa da construção da realidade na qual vivemos, assumindo a desordem, o sujeito, a subjetividade, o acontecimento como suas categorias essenciais.

#### 4. A proposta de M. Bakhtin

A tentativa a seguir será a de expor, a partir de elementos presentes nos escritos de M. Bakhtin, elementos que possibilitem integrá-lo no paradigma proposto pela cultura contemporânea, iniciando pela distinção que este autor faz entre ciências humanas e ciências exatas ou da natureza. No texto, "Observações sobre a epistemologia das ciências humanas", publicado em *Estética da criação verbal*, Bakhtin reconhece as ciências exatas, aquelas que alicerçaram o paradigma até então dominante no pensamento científico, como sendo "[...]uma forma monológica de conhecimento: o intelecto contempla uma coisa e pronuncia-se sobre ela. Há um único sujeito: aquele que pratica o ato de cognição[...] e fala [...] Diante dele, há a coisa muda" (Bakhtin, 1992: 403).

Bakhtin considera ainda que os estudos no campo das ciências humanas, diferentemente das ciências exatas, têm como objeto de estudo o homem em suas manifestações as mais diversas, e que esse objeto de estudo manifesta-se como um sujeito, e não como um objeto. Em "Discurso sobre o romance", afirma que

[...] Todo o aparato metodológico das ciências matemáticas e naturais se orienta para o domínio do objeto reificado, mudo que não se revela na palavra, e que não comunica nada a respeito de si mesmo... As ciências matemáticas e científicas não conhecem absolutamente a palavra como objeto de orientação. (Bakhtin, 1990: 150)

Desta forma, o conhecimento do objeto não estaria relacionado à interpretação das palavras, diferentemente, portanto, das ciências humanas, nas quais "[...] surge a questão específica do restabelecimento, da transmissão e interpretação das palavras de outrem" (Bakhtin, 1990: 150). E, neste momento, Bakhtin estende sua crítica à própria ciência lingüística, principalmente aquela que ele caracterizou como "objetivismo abstrato" (Bakhtin, 1979), para quem

[...] a palavra pode ser inteiramente percebida de modo objetual (como uma coisa). Assim é a maioria das disciplinas lingüísticas. Nessa palavra tomada como objeto, o sentido também é reificado [...]. (Bakhtin, 1990: 151)

O paradigma, ainda hegemônico, nos estudos das ciências humanas, por reificar seu objeto de estudo, não estaria condizente com estas ciências, uma vez que estas, ao tratar do ser humano e suas especificidades, remetem para questões que dizem respeito ao sujeito, à subjetividade, e às práticas discursivas.

Em “O problema do texto”, Bakhtin esclarece com bastante propriedade a distinção entre o tratamento a ser dado ao objeto de conhecimento nas ciências humanas, quando afirma que, nas ciências da natureza, este objeto pode ser tomado como coisa, mas “[...] o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado a título de coisa porque, como sujeito, não pode, permanecendo sujeito, ficar mudo: conseqüentemente o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico [...]” (Bakhtin, 1992: 403). Isto porque, explicita, os corpos físicos e químicos existem igualmente ao lado da sociedade humana, enquanto os produtos da criação ideológica desenvolvem-se apenas nela e para ela. Pode-se dizer, pois, que nas ciências naturais procura-se conhecer um objeto, enquanto nas ciências humanas, o objeto a ser alcançado é um sujeito.

Uma outra distinção entre estes dois tipos de ciências reside, segundo aquele autor, no fato de que nas ciências humanas “[...] a palavra é ao mesmo tempo parte constitutiva delas e objeto comum de estudo [...]” (Bakhtin, 1992: 404), e que

“[...] o pensamento, enquanto pensamento, nasce no pensamento do outro que manifesta sua presença, sua vontade, sua expressão, seus signos, [...] e, quaisquer que sejam os objetivos de um estudo, o ponto de partida só pode ser o texto [...]” (Bakhtin, 1992: 330).

E, neste momento, delimita também seu campo de atuação, ao esclarecer que interessa ao seu estudo, unicamente, o “texto

verbal”, seja ele oral ou escrito, isto porque, segundo ele, todo texto pressupõe o sistema da língua, correspondendo a tudo o que é repetitivo e reproduzível, embora cada texto seja também “[...] individual, único e irreproduzível, sendo nisso que reside seu sentido [...]” (Bakhtin, 1992: 331).

Continuando com essa discussão, Bakhtin afirma, em consonância com o paradigma de ciência que se anuncia, que é possível tratar de individualidades, como o enunciado, pois diz ele, qualquer ciência “[...] em seu ponto de partida, lida com singularidades [...]”, além do que, a ciência e acima de tudo a filosofia, pode e deve “[...] estudar a forma específica e a função dessa individualidade” (Bakhtin, 1992: 335).

Um outro ponto abordado por Bakhtin e que o aproxima deste novo paradigma diz respeito a uma proposta de abordagem metodológica do objeto de estudo nas ciências humanas, e seu entendimento de que o signo lingüístico precisa ser compreendido, idéia formulada inicialmente ao tratar do ensino das línguas, no seu texto “Marxismo e filosofia da linguagem”, e retomado e desenvolvido nos “Apontamentos” (Bakhtin, 1992). A idéia apresentada é que nas ciências humanas o objeto de conhecimento requer atividades de compreensão e interpretação do discurso alheio, mas que a compreensão não se reduz a identificação, nem em termos de “[...] colocação de si mesmo no lugar ocupado pelo outro [...]” (Bakhtin, 1992: 382), levando à dissolução de um sujeito no discurso do outro, o que provocaria a perda se seu próprio lugar de sujeito. A compreensão é entendida como um processo ativo, que “[...] completa o texto: exerce-se de uma maneira ativa e criadora [...]” (Bakhtin, 1992: 382). O ato de compreender implica em atribuir juízo de valor, uma vez que o sujeito “compreende” um texto a partir de sua “visão de mundo”, “suas referências”, este o vínculo com a interpretação, que passa a instaurar um contrato de fala, construído e constituído pelo estatuto dos interlocutores e pelos objetivos da troca verbal.



Com este conjunto de enunciados teóricos, Bakhtin vai propor o estudo da linguagem humana como uma atividade cognitiva, orientada para a ação comunicativa, por meio de sua manifestação nas diversas línguas, não mais concebida apenas como forma. E, ao tomar como foco de seus estudos o universo dos signos verbais, a orientação para o outro, e o diálogo entre consciências, estabelece limites para os estudos da linguagem, ao afirmar, que “[...] se por trás do texto não há uma língua, não se trata de um texto, não pertence à esfera do signo”, não é objeto de estudo na disciplina que se propõe inserir seus estudos, qual seja a metalingüística (Bakhtin, 1992: 330).

O texto torna-se, pois, o dado primário, manifestando-se por meio de enunciados, que acontecem nas fronteiras de duas consciências, de dois sujeitos, e exatamente por não ser um objeto torna-se impossível eliminar ou neutralizar nele a segunda consciência, aquela que dele vai tomar conhecimento. Por outro lado, é a possibilidade de estudar/analisar/interpretar este texto como acontecimento irreproduzível que vai permitir a Bakhtin apostar nos estudos das singularidades, questionando uma metodologia científica que, nos marcos de um positivismo, pressupõe como ciência apenas aqueles conhecimentos que generalizam. Uma tal perspectiva implica na adoção de certos procedimentos metodológicos, delineados desde o “Marxismo e filosofia da linguagem” (Bakhtin, 1979; 110), e que, a nosso ver, encontram eco nas abordagens convencionalmente denominadas de teórico-crítica, ou sociocrítica (Laville e Dionne, 1999).

Retomando portanto a nossa formulação inicial, podemos dizer ainda que Bakhtin coloca-se ao lado da desordem, em oposição a uma visão que considera apenas a ordem, diferenciando-se, profundamente, de outro grande pilar da Lingüística Moderna, Ferdinand de Saussure, postulador da ordem, base para o entendimento da língua como um princípio de classificação, deixando à fala, a desordem e o caos. Inserindo-se pois em um debate para

além de seu tempo, encontramos ainda em Bakhtin a idéia de que o “caos” – o enunciado – pode ser estudado em sua singularidade, e a importância da intersubjetividade face à natureza não adâmica do sujeito falante /escrevente.

Desta forma, ainda praticando a ousadia, afirmo que a abordagem proposta para as ciências humanas, pelo círculo de Bakhtin, rompe com a tradição clássica que direcionou a ciência moderna, ao assumir que às ciências humanas cabe interpretar/compreender, atividade que envolve duas consciências, e não apenas explicar, da ordem de apenas uma consciência; ao questionar a noção de objetividade e reificação de seu objeto de estudo; ao propor a reintrodução em cena do sujeito; ao considerar o “enunciado” como um acontecimento, passível de ser estudado em sua singularidade; e, por considerar os fatos lingüísticos como dotados de significação, e fundamentalmente portadores de valores construídos socialmente, reforçando a idéia de sua emergência em situações sociais.

**ABSTRACT:** *This paper discusses Bakhtin's contribution to linguistics' research, and his approachal do human sciences, in opposition to nature sciences, by presenting his proposal, that is, both oral and written text, accomplished in unique statements, which should be understood and interpreted, instead of identified and described, as human sciences' object.*

**KEYWORDS:** *Human sciences; methodology; dialogism; comprehension; interpretation.*

## BILBIOGRAFIA

- ALTHUSSER, L. (1978) *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. Lisboa: Editorial Presença.

- BAKHTIN, M. (1979) *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- \_\_\_\_\_. (1992) *Estética e criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1990) *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec.
- CALVET, L. J. (1977) *Saussure: pró e contra* (para uma lingüística social). São Paulo: Cultrix.
- CHOMSKY, N. (1966) *Topics in the theory of generative grammar*. Netherlands: Mouton & Co.
- \_\_\_\_\_. (1975) *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Armênio Amado.
- CLARK, K.; HOLQUIST, M. (1998) *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva.
- EAGLETON, T. (1997) *Ideologia*. Boitempo: Editorial, Editora Unesp.
- FARACO, C. (2001) Pesquisa aplicada em linguagem: alguns desafios para o novo milênio. *D.E.L.T.A.*, v. 17 (especial).
- FARACO, C. A.; NEGRI, L. (1998) O falante: que bicho é esse, afinal? *Letras*, n. 49, p. 159-70, Editora da UFPR.
- FARACO, C. et al. (1988) *Uma introdução à Bakhtin*. Curitiba: Hatier, 1988.
- \_\_\_\_\_. et al. (1996) *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. da URPR.
- FOUCAULT, M. (1969) *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard.
- GOLDMAN, L. (1979) *Dialética e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GRAMSCI, A. (1979) *A concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- HELLER, A. A herança da ética marxiana. In: HOBBSAWN, E. (Org.) (1989) *História do marxismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. v. XII.
- HOLQUIST, M. (Ed.). (1981) *The dialogic imagination by M. M. Bakhtin*. Austin: University of Texas Press.
- JOBIM e SOUZA, S. (1994) *Infância e linguagem*. Campinas: Papirus.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. (1999) *A construção do saber*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- MARCELLESI, J. B.; GARDIN, B. (1975) *Introdução à sociolingüística*. Lisboa: Editorial Áster.
- MCLAREN, P. (2000) *Multiculturalismo revolucionário*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- MORIN, E. (1986) *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- PRIGOGINE, I. (1996) O fim da ciência? In: SCHNITTMAN, D. F. (Org.). (1996) *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- PONZIO A.; CALEFATO, P.; PETRILLI, S. (1994) *Fondamenti di filosofia del linguaggio*. Roma-Bari: Laterza.
- SANTOS, B. de S. (1989) *Introdução à uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal.
- SCHNITTMAN, D. F. (Org.). (1996) *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- THOMPSON, E. P. (1981) *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar.
- THOMPSON, J. B. (1990) *Ideology and modern culture*. London: Routledge.
- VAN DIJK, T. Gramáticas textuais e estruturas narrativas. In: CHABROL, C. (Org.). (1977) *Semiótica narrativa e textual*. São Paulo: Cultrix, Edusp.
- VYGOTSKY, L. (1979) *Pensamento e linguagem*. Lisboa: Antídoto.